

# O CARABUCERO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SEMPRE ACCIDENTE POLITICO.

*Hunc servare mundum nostri novere libet;* *Guardare non possumus nos;*  
*accere personis, dicere de vitiis.* *Que he dos vicios faltar, não das pessoas.*

Marcil. Liv. 19. Epist. 55.

O novo Reino do Rei João António,  
e companhia.

Quanto li o Amadis de Gaula, e o  
Quixote, nunc tomei as pinturas,  
descrições do priueiro, se oí, por  
sonhos de imaginações desejadas, e  
o segundo bem manifestamente des-  
cubri huma engenhosa, e delicada sa-  
gra á Cavallaria andante, vindo me  
dos Malandrins, dos Encantadores, dos  
Castellos encantados, dos exercitos de  
corneiros, e da imaginaria Dulcinea del  
Tiboso: mas penaria eu nunca de  
que em meus dias havis de apparcer,  
em Pernambuco lá para perto do sertão  
de Pajchá hum Reino encantado, e  
hum Rei chamado João António?...  
Quem mais vive mais vê: estamos no  
culo das luzes, e não sei, se por isto  
o bem das maravilhas.

Não me he de sconhecida a Historia  
Portug. não só depois do seu 1.º  
Reino, como séculos antes, e ainda  
tando colonia dos Romanos, e depois  
dominada pelcs Godos, Ostrogodos,  
. &c.; e não me recordo de ter visto  
um só Rei com o nome de João Anto-

nio! Se esse Ritoceiro f. sse, por lá cha-  
mad Bastão, talvez não fosse Sebasti-  
enista, que quisso por aterrachar as  
Profecias do Baudarria, o Pretim o  
Japão, &c. &c., e tolha a ferragem da  
Secta desses pobres mentecaptos, ju-  
rasse já, que era chegado o Encolerto,  
e surgira do meio d. mar ( onde dizem  
alguns Doctores da Secta, se acha en-  
cantado ) apresentando-se sô, e escor-  
reito na Pedra Bonita em Pajchá de  
Flores! E quantos não irião abalando  
d'aqui para ter a d. ta de bejar a mão ao  
sen querido D. S. bastão, por quem  
sempre esperarão com tanto fundamen-  
to, como os Judeus ainda esperão o  
Messias! Mas hum Rei com o nome es-  
cotejo de João António... ... excede á  
minha espectacão, e de certo não pode-  
rá grangear as sympathias da manada  
Sebastica; por que não haverá força  
tal interpretativa do Apocalypse, e de  
todas as Profecias, que possa demonstre,  
que D. Sebastião, e João António  
vem a ser o mesmo, e significar a mes-  
ma cousa.

Se o tal Compedre Mané Chico, e

João António, se contentasse de cingir-se de huma coroa de cipó, e ser acclamado Rei dos tollos; apenas mereceria o riso da compaixão, e quando muito ser trazido para o seu natural Palacio, que he o Carmo, onde o metterião no manto de linho, vestuario proprio de tais Reis, onde seria tractado com refrigerantes, com bichas, &c. &c. até desencantá-lo; mas o caso tomou hum caracter horroroso; por que o Rei João António tinha entradas de Buzyres; quiz sacrifícios humanos, e que fossem degolados em Meninos d'ambos os sexos. Se o sacrificio fosse de cem homens, teríamos hum novo Pythagoras com a sua *Hecatombe*: sendo porém de cem meninos, que nome se lhe daria em Grego. E o que excede a toda a admiração he, que os pais, e ainda mais as proprias mães entregassem seus filhinhos ao matadouro, como se se tractasse de huma matanha d'ovelha!!! A quanto pode chegar a ignorância, e superstição! Que brutalidade, que barbaridade!

Este Rei João António papamenino deu homem por si na pessoa do Pontífice João Ferreira, denominando Sua Santidade, que foi quem promoveu, e decretou a esmáfia dos inocentes: mas seu irmão Pedro assassinou-o, e cingiu o Real Cipó. O Rei João Ferreira, cujo Reinado foi brevíssimo, não só era assassino desapiedado, se não grandemente sensual; por que tractou logo de casar com sete mulheres, e estabeleceu a Polygamia em seu novo Estado da Pedra Bonita. Dar-se á caso, que S. Magestade João Ferreira fosse versado nas máximas do Philosophismo? O seu procedimento assim o indica. Parece hum sonho quanto se conta desse caso nunca visto, e eu de certo o não acreditará, se me não merecesse muito conceito de veracidade o mui digno Prefeito de Pajabú.

Dixemos porém ás Leis a tarefa de punir tais crimes; e permitta-se-me chamar á atenção de meus Illustres

Leitores para hum objecto análogo; Sim viude cá, meus amarrachadores de Republicas de pararos, — me com sinceridade, ao menos aberto á vossa propria consciencia, Isto he paiz, em que se possa estabelecer com prosperidade o Governo Democrático? Hum paiz, onde achão sequito dum caneludo, que se aclama o Rei João António, S. Santidade João Ferreira, e logo outro Rei Pedro, talvez Pedro Caído; hum paiz, onde a barbara estupidez chega a ponto das proprias mães entregar os seus filhinhos para serem assassinados, a fim de que com o seu sangue purificassem, e desencantassem o novo Reino, será apto para hum Regimen, que deve basear-se na industria, e na virtude? Hum Paiz, onde há quem de credito, e siga a huma barbaro estupidiSSIMO, que se aclama Rei corcunda de cipó, onde há quem logo case com quantas mulheres lhe parece, estará nas circunstâncias de governar. Democraticamente? Saberé apreciar, e regular a Liberdade hum povo, em que aprecie tanta estupidez, e immoralidade?

He falso, e falsissimo o dizer-se, que o homem nasce livre. O homem nasce pelo contrario o mais dependente, o mais escravo, o mais miseravel de todos os animaes. O homem sim nasce capaz de ser livre, assim como nasce capaz de ser instruido: quem o torna livre he a educação, no o desenvolvimento intelectual, e sobre tudo a Religião de J. C., unica Religião, que nos ensina a ser verdadeiramente livres. "Vós conhecereis a verdade ( diz o Divino Mestre em S. João ) e ella vos fará livres." D'aqui se conclui em boa Logica, que nem todos os Povos estão no caso de gozar do mesmo grau de Liberdade; pois esta deve seguir a razão directa da sua educação, do seu desenvolvimento intelectual, da sua Industria, e mais que me perguntarem qual he o Povo, a quem compete maior somma de libe-

dade; não hesitar em responder: he aquelle, em que se der mais industria, mais cultura, mais, e mais Religião.

Os nossos Republicanos, geralmente fallando, ou são pescadores matrieiros, que perdeam o laço, e por isso estão zangados com o actual Regimen, em que lhes faltou o pescado, ou são hums malquetcões, e chichiméesos perfeitamente vadios, que querem especular sobre o desordem publica, e sahir-se da nullidade, em que tristemente se debatem, ou são alguns ( poucos ) illudidos, que levados de formosas teorias, e belas utopias, julgão, que o Brazil já tem chegado á sua completa madureza, e pode gozar da maior liberdade imaginável.

Não gastarei tempo, e palavras em chamar á razão ás duas primeiras classes de Republicanos; por que o seu erro não vem do entendimento; sim unicamente de huma vontade ambiciosa, e deprava. Taes homens não se contentam com argumentos: só lhes aprofita a vigilancia de huma Policia activa, e perspicaz. Eu só me dirijo aos poucos Republicanos de boa fé; e lhes pergunto " O que pretendais, mens bons Patricios? Liberdade. Nós temos em a Monarchia Constitucional Representativa tanta, quanta crecemos, e talvez mais alguma censa, do que o pedem a nessa população, e circunstancias: além do que a liberdade não he o fim, porém o meio de prehencer o destino social, que não pode ser outro, se não a felicidade publica; donde he o se conclue, que he preciso proporcionar os grans de Liberdade ás circunstancias de cultura, de habitos, e costumes, em que estiverem o Povo, de sorte que a Liberdade he hum instrumento, que só deve ser deixado em poder de quem o saiba manejá.

Não nos cegue o amor proprio, nem nos ludamos a respeito do nosso País. A cultura intellectual, a industria, a civilisação do Brazil limita-se ás Capi-

taes do seu litoral, e a huma, ou outra villa mais consideravel do interior. Neste á exceção de alguns bairros, que comunicam directamente com as Cidades, tudo o mais vive na mais crassa ignorancia, e o que mais he, no lodoçal dos vicios mais immundos. O continuo tracto com a escravaria tem inoculado em a nessa população habitos grosseiros, hum predomínio selvagem, e huma vida licenciosa, que muito tem corrompido a nossa moralidade. A mesma igualdade legal, fundamento das verdadeiras Repúblicas, e de todo o Governo livre, essa igualdade tão gabada dos nossos Republicanos, não passa de hum nome vago para imbarcar credibilidade dos tolls. Em hum paiz d'escravatura, em hum paiz, onde quem nasc. livre vai logo desde menino observando a incomensuravel distancia do Senhor ao escravo, igualdade he huma humera, ou huma burla. E será possível, que com tal m. ação se estableça, e medre hum Governo Republicano? Ha um paiz, onde um trovão Serrango corresse de cipó, e acadam-se Monstros de hum Reino encantado, e este pallaco chamado o Rei João Antonio, ou Rei João Feneira, ou Rei Pedro Cafôlo persuadear a pais, e mais, que entreguem seus filhos para serem degolados, dá huma prova cabal do seu estado de rusticidade, e consequentemente que está bem longe de possuir as boas, os habitos, e virtudes, indispensaveis em huma R. publica.

Que gente temos pois para essa Republica? O Brazil por ventura he só a população do litoral? Mesmo por aqui q' ignorancia não surge de todas as partes? Que dificuldades não há muitas vezes em encontrar capacidades para os diversos empregos, e cargos do Estado! E como ainda há quem se lembre de R. publicas no Brazil? A massa da nosso povo ainda he tão ignorante, e tão pouco morigerada, que para ella a Republica he synonima de roubo, de malandragem,

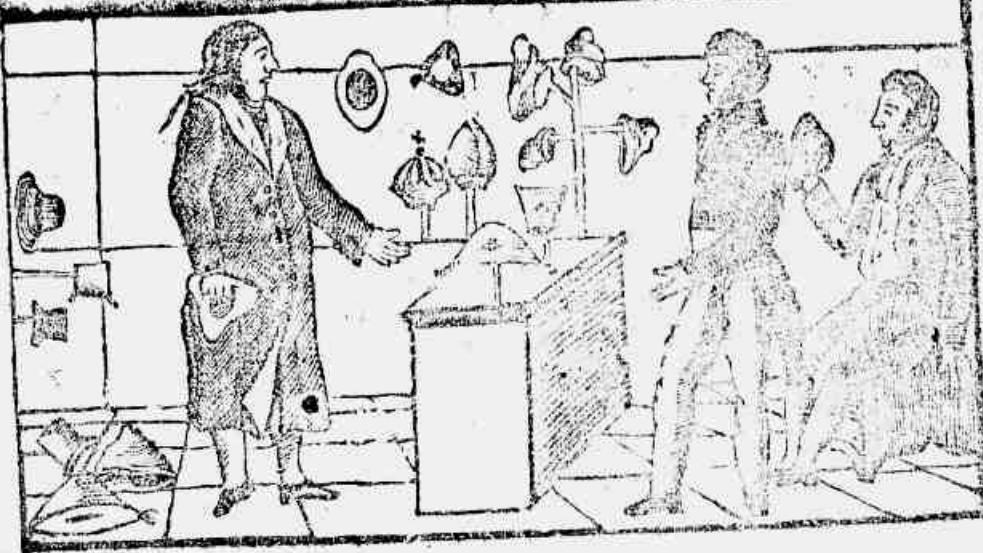
Se toda a lata de desenvo'latura : e he com taes demônios, que se querem fazer Republica ? Ent'ambém-se por esses mafios, e vâ passar do pouco, cu nenhuma respeito, que ali m'recem as leis, a facilidade, e impunitade, com que se perpetrão os maiores crimes, o quanto por ali se iaratão os vingas e s particulares, e sem que os Magistratos possão proceder na punção do crime; por que a vingação se a incerte no desagrado da mór parte dos poderosos, que outros tantos Velhos da Montanha accioihe facin rosas, tem sicarios assoldados, que não ministros infernaes de seus capixas, de seus furores, e vinganças, de manére que geralmente faltam, e com raras exceções os direitistas, e deveres do cidadão fá por esses mafios são muitas vezes decididos em ultima instância pelas bocas dos bacamarteis : e he com tal gente, que há de vingar o Regimen Democrático entre nós?

A Aristocracia, de que tanto mal falo, os é a classe dominadora politicos, he a balda principal do Povo do Brasil. Basta, que qualqu' seja, ou se julgu de raça branca para olhar com certo desprazo para os que elle considera mas avados, e d'ahi até o escravo da Costa d'Africa. O pardo despreza o preto creoulo, este superiorise do Afogado; e todos fillão muito na tal igualdade, que só querem da sua classe para cima, e nun a para baixo. E pode prestar pa a mala huma Democracia com tal gente? Huma dolorosa experiençia já nos não terá escarmentado sohjamente, que taes revoluções no Brasil são obra de espirinhos, e rasgados, que se querem locupletar á custa dos papalvos, que os seguim, e creem no seu palavreado hipocrita ? E quantos poderia eu enxistar, que outr'ora erão humas Democracias ambulantes, huns de lamadores eternos contra todas as costas coroadas; e hoje são humilissimos escravos, e viz aduladores do Po-

der, embora este se arche não em os Cedres do Libano, — muitas veze, coloca'o em idолос de de lazaréira ! E ainda ha quem credat a os nossos badalmechos architectos de Republicas? *Credat Judeus Apella, non ego.*

Por me pronuncie constante mente contra a despacia de , publicas no Brasil, não conclua alguém, que me bat q ei no extremo opposto, ist. hez que de ej. o regresso da Monarquia absoluta. Não, n'â longe estou de crer por essas podres rebolas do Egypto: nem crei em e. b. ca, que pensa, q. e vinda com graça para hum regimem de prius, e d'ímposturas hum Povo, que já subterrou a gorda causa de hum Governo livre. De mais q isera, q. e esses, que desejo huma Monarchia aboluta, m' dissesem, se elles tem a virtute fabulosa de Prance heo. Se proclamado o seu predilecto regimem, n'ap. n'ettem formar homens de intereza, e sair consumando para serem empregados n's inumeraveis rams. La Publica Administ açã. Esou c. eto, que n' logo hâ-se le teme fear com a louga de casa: Ião se lde servir dos mesmos homens, dos mesmos elementos, e por tanto eriu novissimus error peior priori. Os absolutistas Monarcas não passão de meia duzia d'embriosos, que querem á sombra do Throno en her-se de riquezas, e prefiguis, as iu ce no os demais g... aio d' libertar os Povos.

Concluirei afimanto, que a Monarchia Constitucional R. presentativa, se râ o meu norte, con o semp e loi. Reformem-se sim pelos trâmites legaes as leis, e instituiçõs, que a experiençia nos tem mostrado defeituosas, ou compatíveis com as nossas circunstanças: vamos pouco, e pouco remediar os nossos males, e se jão horas de salvagão a Relig. Cathólica, a Constituição, e o Imperador: nada mis, e nada m'sne .



# O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAII, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

Hunc servare modum nostri novere libetii  
Parcere personis, dicere de vitiis.  
Marcial. iv. 10 Epist. 33

Guardarei nessa folha as regras boas;  
Que he dos vicios falar, não das pessoas.

O novo Reino do Rei João Antonio,  
e companhia.

Quando li o Amadis de Gaú'a, e o D. Quijote, nunca tomei as pinturas, e descrições do primeiro, se não por sonhos de imaginações desregradas, e no segundo bem manifestamente descobri huma engenhosa, e delicada satyra á Cavallaria andante, rindo me dos Malandrins, dos Encantadores, dos Castellos encantados, dos exercitos de carneiros, e da imaginaria Dulcinea del Toboso: mas pensaria eu nunca de que em meus dias havi de appaecer, em Pernambuco lá para perto do sertão de Pajahú hum Reino encantado, e hum Rei chamado João Antonio? Quem mais vive mais vê: estamos no Sculo das lozes, e não sei, se por isso também das maravilhas.

Não me he desconhecida a Historia de Portugal, não só depois do seu I.º Affonso, como séculos antes, e ainda quando colonia dos Romanos, e depois dominada pelas Godos, Ostrogodos, &c. &c.; e não me recordo de ter visto hum só Rei com o nome de João Anto-

nio! Se esse feiticeiro fesse por lá chamado Bastião, talvez não fosse Sebastianista, que sequiu-o por atarrachar as Profecias do Bandaria, do Pretinho do Japão, &c. &c., e tola a forragem da Sceita desses pobres mentecaptos, jurasse já, que era chegado o Encoberto, e surgira do meio do mar ( onde dizem alguns Doctores da Sceita, se acha encantado ) apresentando-se são, e escorreito na Ptri Bonita em Pajahú de Flores! E quantos não irião abalando d'aqui para ter a dita de bejar a mão ao seu querido D. Sebastião, por quem sempre esperarão com tanto fundamento, como os Judeos ainda esperão o Messias! Mas hum Rei com o nome escoleiro de João Antonio..... excede á minha espectação, e de certo não poderá grangear as sympathias da manada Sebastica; por que não haverá força tal interpretativa do Apocalypse, e de todas as Profecias, que possa demonstrar, que D. Sebastião, e João Antonio vem a ser o mesmo, e significar a mesma cousa.

Se o tal Compadre Mané Chico, ou

João Antonio, se contentasse de cingir-se de humas coras de cipó, e ser acclamado Rei dos tollos; apenas mereceria o rizo da compaixão, e quando muito ser trazido para o seu natural Palacio, que he o Ceará, onde o metterião no manto de linho, vestuario proprio de taes Reis, onde seria tractado com refrigerantes, com biehas, &c. &c. até desencantar-se: mas o caso tomou hum caracter horroroso; por que o Rei João Antonio tinha entrâncias de Buzyres; quiz sacrificios humanos, e que fossem degolados e em Meninos d'ambos os sexos. Se o sacrificio fosse de cem bo's, teríamos hum novo Pythagoras com a sua *Hecatombe*: sendo porém de cem meninos não sei, que nome se lhe daria em Grego. E o que excede a toda a admiração he, que os pais, e ainda mais as proprias mãs entregassem seus filhinhos ao matadouro, como se se tractasse de huma malança d'ovelhas!!! A quanto pode chegar a ignorancia, e superstição! Que bruteza, que barbaridade!

Este Rei João Antonio papa-meninos deo homem por si na pessoa do Pontifice João Ferreira, denominado Sua Santidade, que foi quem promoveo, e decretou a carnificina dos innocentes: mas seu irmão Pedro assassinou-o, e cingio o Real Cipó. O Rei João Ferreira, cujo Reinado foi brevissimo, não só era assassino desapiedado, se não grandemente sensual; por que tractou logo de casar com sete mulheres, e estabeleceo a Polygamia em seu novo Estado da Pedra Bonita. Dar-se-á caso, que S. Magestade João Ferreira fosse versado nas maximas do Philosophismo? O seu procedimento assim o incalca. Parece hum sonho quanto se conta desse caso nunca visto, e eu de certo o não acreditara, se me não nessesse muito conceito de veracidade o mui digno Prefeito de Pajahú.

Deixemos porém ás Leis a tarefa de punir taes crimes; e permitta-se-me chamar a attenção de meus Illustres

Leitores para hum objecto análogo. Sim vind'e cá, meus atarrachadores de Republicas de parafuso, dizei-me com sinceridade, ao menos dizei lá á vossa propria consciencia, Isto he paiz, em que se possa estabelecer com prosperidade o Governo Democratico? Hum paiz, onde achão sequito hum caneludo, que se aclama o Rei João Antonio, S. Sanctidade João Ferreira, e logo outro Rei Pedro, talvez Pedro Caſſeo; hum paiz, onde a barbara estupidez chega a ponto das proprias mãs entregarem seus filhinhos para serem assassinados, a fim de que com o seu sangue purificassem, e desencantassem o novo Reino, será apto para hum Regimen, que deve basear-se na industria, e na virtude? Hum Paiz, onde há quem dê credito, e siga a huma barbaro estupidiſſimo, que se aclama Rei coroado de cipó, onde há quem logo case com quantas mulheres lhe parece, estará nas circunstancias de governar-se Democraticamente? Saberá apreciar, e regular a Liberdade hum povo, em que aparece tanta estupidez, e immoralidade?

He falso, e falsissimo o dizer-se, que o homem nasce livre. O homem nasce pelo contrario o mais dependente, o mais escravo, o mais miseravel de todos os animaes. O homem sim nasce capaz de ser livre, assim como nasce capaz de ser instruido: quem o torna livre he a educação, he o desenvolvimento intellectual, e sobre tudo a Religião de J. C., unica Religião, que nos ensina a ser verdadeiramente livres." Vós conhecereis a verdade ( diz o Divino Mestre em S. João ) e ella vos fará livres." D'aqui se conclue em boa Logica, que nem todos os Povos estão no caso de gozar do mesmo grau de Liberdade; pois esta deve seguir a razão directa da sua educação, do seu desenvolvimento intellectual, da sua Industria, e ~~moral~~ que tudo da sua Religiosidade: pelo que se me perguntarem qual he o Povo, a quem compete maior somma de libe-

dade; não hesitarei em responder: he aquelle, em que se der mais industria, mais cultura mental, e mais Religião.

Os nossos Republiqueiros, geralmente fallando, ou são pescadores matreiros, que perderão o laço, e por isso estão zangados com o actual Regimen, em que lhes faltou o pescado, ou são hums melquetreles, e chuchimecos perfeitamente vadios, que querem especular sobre a desordem publica, e sahir-se da nullidade, em que tristemente se debatem, ou são alguns ( poucos ) illudidos, que levados de formosas theorias, e bellas utopias, julgão, que o Brazil já tem chegado á sua completa madureza, e pode gozar da maior liberdade imaginavel.

Não gastarei tempo, e palavras em chamar á razão ás duas primeiras classes de Republiqueiros; por que o seu erro não vem do entreadimento; sun unicamente de huma vontade ambiciosa, e depravada. Taes homens não se convencem com argumentos: só lhes aprovéita a vigilancia de huma Policia activa, e perspicaz. Eu só me dirijo aos poucos Republiqueiros de boa fé; e lhes pergunto " O que pretendis, mens bons Patricios ? Liberdade. Nós temos em a Monarchia Constitucional Representativa tanta, quanta circuntemos, e talvez mais alguma cousa, do que o pedem a nossa população e circumstancias: além do que a liberdade não he o fim, porém o meio de preencher o destino social, que não pode ser outro, se não a felicidade publica; donde he se conclue, que he preciso proporcionar os graus de Liberdade ás circumstancias de cultura, de habitos, e costumes, em que estiverem os Povos, de sorte que a Liberdade he hum instrumento, que só deve ser deixado em poder de quem o saiba manejar.

Não nos cegue o amor proprio, nem nos illudamos á respeito do nosso Paiz. A cultura intellectual, a industria, a civilisação do Brazil limita-se ás Capi-

taes do seu litoral, e a huma; ou outra villa mais concideravel do interior. Neste á excepção de alguns homens, que communi ão directamente com as Cidades, tudo o mais vive na mais crassa ignorancia, e o que mais he, no lodoçal dos vicios mais immundos. O continuo tracto com a escravaria tem inoculado em a nossa populacão habitos grossos, hum predominio selvagem, e huma vida licenciosa, que muito tem corrompido a nossa moralidade. A mesma igualdade legal, fundamento das verdadeiras Republicas, e de todo o Governo livre, essa igualdade tão gabada dos nossos Republiqueiros, não passa de hum nome vao para imbarcar a credulidade dos tollos. Em hum paiz d'escravatura, em hum paiz, onde quem nasce livre vai logo desde menino observando a incomensuravel distancia do Senhor ao escravo, igualdade he huma chimera, ou huma burla. E será possivel, que com tal populacão se estableça, e medre hum Governo Republicano? Hum paiz, onde hum russo Sérianjo coroa-se de cipó, e aclama-se Monarca de hum Reino encantado, e este palhaço chamado o Rei João Antonio, ou Rei João Ferreira, ou Rei Pedro Cafôfo persuadem a pais, e mães, que entreguem seus filhos para serem degolados, dá huma prova cabal do seu estado de rusticidade, e consequintemente que está bem longe de possuir as luzes, os habitos, e virtudes, indispensaveis em huma R publica.

Que gente temos pois para essa Republica? O Brazil por ventura he só a populacão do litoral? Me mo por aqui q' ignorancia não surge de todas as partes? Quod illi alidades não há muitas vez em encontrar capacidades para os diversos empregos, e cargos do Estado! E como ainda há quem se lembre de Republicas no Brazil? A massa do nosso povo ainda he tão ignorante, e tão pouco morig e da, que para ella a Republica he synonima de roubo, de malanga

e de toda a laia de desenvoltura: e he com taes clementos, que se querem fazer Repúblicas? Entram bem-se por esses matos, e vão pasmar do pouco, ou nenhum respeito, que ali m receem as leis, a facilidade, e impunidade, com que se perpetrão os maiores crimes, o quanto por ali se barateão as vingações particulares, e sem que os Magistrados possão proceder na punção do crime; por que ariscâ-se a incorrer no desagrado da mór parte dos poderosos, que outros tantos Velhos da Montanha acocilhe facinorosos, tem sicarios assoldados, que são ministros infernaes de seus caprichos, de seus fatores, e vinganças, de maneira que geralmente falhando, e com poucas exceções os direitos, e deveres do cidadão já por esses matos são muitas vezes decididos em ultima instância pelas boccas dos bacamarte: e he com tal gente, que ha de vingar o Regimen Democrático entre nós?

A Aristocracia, de que tanto mal falam os nossos papagueadores políticos, he a balda principal do Povo do Brasil. Basta, que qualquer seja, ou se julgue de raça branca para olhar com certo desprezo para os que elle concidera mascavados, e d'ahi até o escravo da Costa d'Africa. O pardo despreza o preto creoulo, este superioriza-se do Africano; e todos fillão muito na tal igualdade, que só querem da sua classe para cima, e nunca para baixo. E pode prestar para nada huia Democracia com tal gente? Huia dolorosa experiência já nos não terá escarmentado sobejamente, que taes revoluções no Brasil são obra de espertas hões, e rasgados, que se querem locupletar á custa dos papalvos, que os seguem, e creem no seu palavreado hipócrita? E quantos podera eu endigitar, que outr'ora erão humas Democracias ambulantes, hums declamadores eternos contra todas as testas coroadas; e hoje são humíssimos escravos, e yiz aduladores do Po-

der, embora este se ache não em os Cedros do Libano, mas muitas vezes colocado em ídolos de pau de laranjeira! E ainda ha quem acredite em os nossos badamecos architectores de Repúblicas? *Credat Judens Apella, non ego.*

Por me pronunciar constantemente contra a desgraça de liepublicas no Brasil, não conclua alguém, que me baquei no extremo opposto, isto he; que de ej. o regresso da Monarchia absoluta. Não, nū longe estou de chorar por essas podres cabras do Egypto: nem cabe em cabra, que persa, que volta de bom grado para bum régimem de caprichos, e d'imposturas hum Povo, que já sabor ou a gorda causa de hum Governo livre. De mais quisera, que eesses, que d'ejão huma Monarchia absoluta, m dissessem, se elles tem a virtude fabulosa de Prometheo. Se proclamado o s u predilecto régimen, nos promettem formar homens de inteireza, e sa' er e nsum dos para serem empregados n s inumeraveis ramos da Pública Administraçā. Estou certo, que não logo hão-se de remedear com a louça de casa: hão se de servir dos mesmos homens, dos mesmos elementos, e por tanto erit novissimus error peior priori. Os absolutistas Monarchicos nā passão de meia duzia d'ambiciosos, que querem á sombra do Throno encher-se de riquezas, e prestigios, assim como os demagagos a titulo de libertar os Povos.

Concluirei affirmando, que a Monarchia Constitucional Representativa, se rá o meu norte, com o sempre foi. Reformem-se sim pelos trâmites legaes as leis, e instituições, que a experiencia nos tem mostrado desfeituosas, ou incompativeis com as nossas circunstâncias: vamos pouco, e pouco remedean do os nossos males, e sejão as nossas tabeas de salvação a Religião Catholica, a Constituição, e o Imperador: nada mais, e nada menos.